

O QUE DIZEM OS INVISÍVEIS: MEMÓRIA SOCIAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ADOLESCENTES SOBRE VIOLÊNCIA E USO DE DROGAS

Renata Tereza MEIRELES*
Luci Mara BERTONI**

RESUMO: No Brasil, o debate sobre a temática das drogas está centrado na proibição, aliada a isso tem a violência. Buscamos identificar as representações sociais de adolescentes sobre uso de drogas e violência, uma vez que eles estão imersos em uma sociedade em que o acesso a essas substâncias está cada vez mais facilitado e a violência tem sido naturalizada. Este estudo tem como referencial a Teoria das Representações Sociais utilizando a metodologia qualitativa. A análise dos dados foi realizada a partir dos pressupostos da análise de conteúdo. A droga aparece como algo negativo, além disso, relatam a convivência com as drogas lícitas e ilícitas, no círculo de amizades e família. Na associação entre drogas e violência, além da violência oriunda do tráfico, verificamos, também, as agressões associadas ao consumo de bebidas alcoólicas. Entendemos a relevância deste estudo quando nos deparamos com resultados que fornecem elementos para repensarmos a abordagem preventiva.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais. Drogas. Violência. Adolescentes.

WHAT THEY SAY THE INVISIBLE: MEMORIES AND SOCIAL REPRESENTATIONS OF TEENS ON VIOLENCE AND DRUG USE

ABSTRACT: In Brazil, the debate on the issue of drugs is focused on the prohibition, allied to that, we have violence caused by its use or abuse and that derived from the trafficking. We sought to identify the social representations of teenagers about drug use and the violence, since they are immersed in a society where access to these substances it is increasingly facilitated and violence has been naturalized. This study has as reference the Theory of Social Representations using a qualitative methodology. Data analysis was carried out from the premises of content analysis. The drug appears as something negative and destructive, moreover, report living with the licit and illicit drugs that are present in their daily lives, in the circle of friends and family. In the association between drugs and violence, as well as violence coming from the traffic, we see also the aggression associated with alcohol consumption. We understand the relevance of this study when faced with results that give elements for rethinking the preventive.

KEYWORDS: Social Representations. Drugs. Violence. Teens.

* Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Educação e Relações Étnicas Raciais pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Graduada em Pedagogia pela UESC. *E-mail:* renatattbmeireles@hotmail.com.

** Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB). Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Políticas, Álcool e Drogas - GePAD vinculado ao Museu Pedagógico da UESB. *E-mail:* profaluci@uesb.edu.br

Introdução

A discussão sobre uso e abuso de drogas ilícitas, e conseqüentemente, sobre os problemas advindos com o comércio destas substâncias ilegais, inquieta a todo e qualquer país. Assim, o espaço acadêmico ainda precisa ampliar os vários olhares sobre o assunto, uma vez que essa temática não é restrita apenas aos campos do conhecimento como saúde ou segurança pública. Da mesma forma, ainda é necessário ampliar os espaços de diálogo sobre a violência, especificamente a violência que vitimiza, cotidianamente, os adolescentes brasileiros, conforme os mapas da violência (WAISELFISZ, 2012, 2014).

Entendemos, de acordo com Santos (2005, p. 189), que “a violência (*vis, bia, hybric, dynamis*) é a agressão destrutiva que busca aniquilar, desintegrar. Nem toda agressividade é violência, mas toda violência é, sim, agressividade”. Sendo assim, nem todos os sujeitos se tornam violentos. No entanto, a linha que os distingue é bastante tênue.

Nessa perspectiva, destacamos, ainda, a violência estrutural como “aquela que incide sobre a condição de vida das crianças e adolescentes, a partir de decisões histórico-econômicas e sociais, tornando vulnerável o seu crescimento e desenvolvimento” (MINAYO, 2002, p. 99). Tal forma de violência é difícil de ser materializada porque as vítimas não reconhecem sua condição.

Assim, não sabem a quem responsabilizar. Podemos afirmar, então, que se trata de um fenômeno em que o agressor está por trás das instituições. Nesse sentido, não é possível personificá-lo. Todavia, é extremamente necessário que tal forma de violência seja desmistificada e os que cometeram essa violência sejam reconhecidos. Nesse contexto, podemos afirmar, também, que o aumento da violência é sempre justificado pelo consumo e tráfico de drogas. Ademais, ao longo do tempo, o consumo de álcool tem sido associado como causa de violência e como falta de educação formal e desagregação da família.

Sendo assim, buscaremos tratar das duas temáticas pela sua relevância para adolescência. Nessa perspectiva, o nosso enfoque pretende colaborar para a desmistificação em torno da associação entre o uso e abuso de drogas ilícitas e a violência, que se apresenta como verdade absoluta. Nosso objetivo foi o de identificar e compreender as representações sociais de adolescentes sobre drogas e violência. Esta pesquisa oportunizou voz a sujeitos que são invisíveis na sociedade brasileira. Reiteramos que nosso interesse pela adolescência se justifica por ser um grupo que tem se tornado o alvo específico do comércio ilegal das drogas. Trata-se, a nosso ver, de vítimas e de objetos descartáveis para tráfico de drogas, pois os líderes locais do tráfico se valem de tal público, diversas vezes, como entregadores e consumidores. O Estado, por sua vez, que deveria

proteger esses sujeitos, é ineficiente e os fazem, duplamente, vítimas nesse contexto da violência estrutural, pelas polícias ou pela escola que os expulsam. Assim, os sujeitos da pesquisa podem ser caracterizados como invisíveis e sem voz.

Não obstante, o fenômeno da violência é inerente à história da humanidade e fruto de um contexto histórico que, atualmente, rompe os espaços geográficos ao adentrar as casas por meio das mídias e das redes sociais. Ressaltamos, nesse sentido, que a incidência da violência apresenta características que exigem políticas públicas específicas e urgentes, a fim de que sejam assegurados o pleno desenvolvimento dos adolescentes e a promoção de uma sociedade igualitária.

Contemporaneamente, a discussão sobre a temática das drogas no país está centrada em sua proibição e em sua criminalização. Além disso, o uso e abuso de drogas ilícitas se tornou um problema que já impacta a saúde pública no Brasil, tanto no que diz respeito ao número de atendimentos realizados em unidades de saúde pública espalhadas pelo país, como no que se refere a investimentos financeiros, previstos nos orçamentos das instituições públicas, para realizar os diversos programas de combate e prevenção às drogas. Nossa investigação, nesse sentido, buscou dar voz àqueles adolescentes que moram em bairros periféricos e que sofrem com os estereótipos de que são

prováveis usuários de droga. A esse respeito, Abramovay, Cunha e Calaf (2010, p. 21) asseveram que a situação dos adolescentes brasileiros está para além da violência física e psicológica. Nessa perspectiva, “essa definição permite que as próprias estruturas das sociedades sejam consideradas violentas: [...]”. Trata-se, pois, de uma das diversas “violências perpetradas pela sociedade contra indivíduos que a formam”. Desse modo, questionamos como se configura a concepção dos adolescentes sobre uso de drogas e sobre a violência, uma vez que eles estão imersos em uma sociedade em que essas substâncias estão sendo cada vez mais popularizadas e a violência estrutural é naturalizada para uma parte específica da população.

Na esteira dessa discussão, fizemos a opção metodológica pela abordagem qualitativa, considerando que a investigação científica norteada pela teoria das Representações Sociais (RS) não se limita a um método específico. Ao contrário, aponta para a possibilidade de adequar a metodologia ao objeto investigado. Assim, priorizamos as escolhas que consideramos mais adequadas para alcançar os objetivos propostos, por ser uma pesquisa qualitativa fundamentada na análise de conteúdo. Trata-se, pois, de uma teoria que pode ser utilizada nas abordagens quantitativas ou qualitativas, de acordo com o objeto a ser estudado. Destarte, é uma ferramenta de análise flexível, mas sem perder o rigor acadêmico

(COUTINHO; SARAIVA, 2011). Desse modo, buscamos, a partir do material coletado, organizar o conteúdo em categorias que emergiram nas respostas e falas dos adolescentes selecionados para a pesquisa “passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou ausência) de itens de sentido” (BARDIN, 2009, p. 38).

Entendemos que essa pesquisa seja relevante porque seus resultados poderão fornecer à comunidade acadêmica mais um estudo sobre as representações sociais acerca do uso e abuso de drogas e da violência. Destacamos que nosso estudo sobre o tema aborda, em especial, as relações dessa temática com a adolescência. Por isso, acreditamos que o presente trabalho poderá contribuir para elaboração de políticas públicas mais específicas, que atendam aos adolescentes que estão em risco de vulnerabilidade social.

1 A Teoria das Representações Sociais

Os estudos em Representações Sociais (RS), embora tenham se originado na psicologia social, estão em plena expansão e com produções em diversos campos dos saberes: na Psicologia, na Educação, nas Ciências, no campo da saúde, no campo cultural, dentre outros. A relevância das RS está na busca para compreender nossa realidade, o porquê de termos determinados

pensamentos e crenças, e como nos sentimos pertencentes a um grupo e não a outro. Nessa direção, as RS procuram entender como fazemos nossas escolhas, qual nosso lugar na sociedade, quando resistimos a uma organização social ou quando não nos encaixamos em um determinado papel.

Podemos afirmar que as RS estão em busca de nossa identidade dentro da sociedade. Compreendemos, então, as RS como uma teoria que tem como *locus* o senso comum. A esse respeito, enfatizamos que “o senso comum está continuamente sendo criado e re-criado em nossas sociedades, especialmente onde o conhecimento científico e tecnológico está popularizado” (MOSCOVICI, 2013, p. 95).

Logo, a teoria das RS não se restringe a uma descrição apenas, mas busca a compreensão do conhecimento que está presente na sociedade. Este conhecimento, é válido ressaltar, é criado e recriado ciclicamente. As representações sociais produzidas são tidas “como um objeto de estudo tão legítimo quanto aquele, por sua importância na vida social, pelos esclarecimentos que traz acerca dos processos cognitivos e as interações sociais” (JODELET, 1993, p. 5).

Observamos que, quando nascemos, somos recebidos em um determinado grupo social e envolvidos por informações diversas que circulam nesse grupo que nos acolheu. Assim, recebemos estímulos visuais e imagéticos, somos bombardeados por palavras de diferentes fontes, valores e

elementos culturais. Ressaltamos que não estamos totalmente sozinhos e nossas lembranças não são apenas nossas. Desse modo, podemos verificar que os relatos dos adolescentes analisados neste trabalho, dada a frequência das lembranças descritas, somam-se entre si e formam um conhecimento social comum. Destacamos, assim, que conhecimento sobre drogas e violência não é apenas desses adolescentes. Trata-se, pois, de saberes compartilhados e de representações sociais presentes no imaginário das populações residentes nos ambientes pesquisados.

Nessa perspectiva, reiteramos que as representações sociais nos formam, e construímos coletivamente as representações sociais. A esse respeito, Moscovici (2013) afirma que há duas funções nas RS: a *convencionalização* e a *prescrição*. No que se refere à convencionalização, o autor afirma que essa característica alcança os fatos, os sujeitos ou os objetos que estão presentes na realidade. Desse modo, o que é desconhecido é necessário enquadrar em uma categoria. O que não cabe em uma forma conhecida, por sua vez, não será interpretado. Podemos perceber a importância da convencionalização quando mudamos de cidade e reconhecemos, por exemplo, os sinais de trânsito.

A convencionalização também nos permite compreender os aspectos do racismo brasileiro. De acordo com o pensamento racista, convencionou-se que o

modelo de beleza é o branco europeu. Sendo assim, então, o que não se encaixa nesse perfil tem um conceito negativo. Convencionou-se, também, que os adolescentes de bairros distantes do centro são, geralmente, marginais, vândalos e violentos.

Nesse sentido, a assertiva de Moscovici (2013, p. 36) contribui para elucidar ainda mais essa questão: “Então, em vez de negar as convenções e preconceitos, esta estratégia nos possibilitará reconhecer que as representações constituem, para nós, um tipo de realidade”. Percebemos, desse modo, que o que chamamos de realidade é uma convenção social que se apresenta como real para os sujeitos. Essa é uma construção feita de tal forma que as pessoas são impelidas e interpeladas a acreditar fielmente nos discursos construídos como se tratasse da realidade única e absoluta.

No que se refere à segunda função, podemos afirmar, de acordo com Moscovici (2013), que as RS são essencialmente prescritivas. Por isso, elas estão presentes na sociedade independentemente de nossa vontade. Trata-se, pois, do conhecimento transmitido por sucessivas gerações e que, quando chega a nós, atualizamos, ressignificamos e incorporamos. Segundo Moscovici (2013, p. 37), é “fácil ver por que a representação que temos de algo não está diretamente relacionada à nossa maneira de pensar e, contrariamente, porque nossa maneira de pensar e o que

pensamos depende de tais representações”.

2 O papel das memórias individual e coletiva nas Representações Sociais

Enfatizamos que os mecanismos que produzem as representações sociais são, também, utilizados pelos sujeitos para lidar com a memória. Trata-se, pois, da ancoragem e da objetivação. Ancorar é, pois, nomear e classificar algo. Uma vez nomeado e classificado, é preciso traduzir em imagem o conceito. Isto é, objetivação. Nesse sentido, observa-se que a ancoragem “mantém a memória em movimento” e a objetivação cria “conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido” (MOSCOVICI, 2013, p. 78).

Nessa esteira, a representação social é “uma construção do sujeito sobre o objeto e não a sua reprodução, essa reconstrução se dá a partir de informações que ele recebe de e sobre o objeto” (SANTOS, 2005, p. 25). Salientamos, por isso, que as RS e as memórias sociais não são verdades absolutas e acabadas. Ao contrário: elas estão em contínua produção e ressignificação.

Formamos as nossas memórias coletivas quando participamos de um acontecimento ou de uma experiência em grupo. Nesse contexto, recorreremos à lógica do grupo para lembrar. Desse modo, quando nos afastamos de um

grupo, as nossas memórias coletivas se tornam difíceis de serem acessadas, uma vez que precisamos do grupo para nos ajudar a recordar. No entanto, quem realiza o trabalho da lembrança é o sujeito. Ele é, pois, a condição *sine qua non* para existência da memória, seja ela individual ou coletiva.

As nossas mais importantes lembranças ou recordações do passado, aquelas que consideramos mais íntimas, não são apenas nossas. Podemos afirmar, nesse sentido, que não estamos sozinhos em nossas memórias. Como estamos inseridos em diversos grupos, temos, então, diferentes memórias coletivas, que recordamos no agora, no nosso presente. Podemos notar, então, que a memória individual está imbricada na memória coletiva. De fato, ela existe. Halbwachs (2006 p. 71), a esse respeito, é enfático. Para ele, “se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva”. Então, a memória individual coexiste com a memória coletiva sem se sobrepor, ou se perder.

Quando acreditamos ser livres e autônomos em nossas memórias, não reconhecemos a influência dos grupos aos quais pertencemos. Entretanto, as marcas da coletividade estão presentes em nossas experiências. Quando nos lembramos da infância, por exemplo, temos os

testemunhos da família. Por sua vez, quando recordamos da escola, dos amigos, dos namoros, das decepções, o outro está presente em nossas memórias mesmo que não seja fisicamente. Conforme, Halbwachs (2006, p. 65), “à medida que cedemos sem resistência a uma sugestão externa, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que, em geral, a maioria das influências sociais a que obedecemos permanece despercebida por nós”. Salientamos, nessa perspectiva, que é essa relação social ligada à construção das memórias que desconstrói a ideia de autonomia do sujeito. Este último é, pois, ativo e determinante. Contudo, não é livre.

Ressalta, pois, nessa perspectiva, Sá (2012), ao afirmar que as memórias pessoais, embora se utilizem do termo pessoal, não quer dizer que sejam estritamente a memória individual. Por isso, o centro desse estudo é a pessoa imersa na sociedade, que vivenciou fatos históricos e experiências culturais. A ênfase, assim, está no papel identitário. Conforme enfatiza o referido autor, “em termos de pesquisa empírica, as memórias pessoais são estudadas sob o rótulo de memórias autobiográficas. Incluem-se aí as histórias de vida” (SÁ, 2012, p. 292).

Constatamos, desse modo, que é na relação com o grupo que estão as lembranças. Estas últimas, por sua vez, são o resultado do reconhecimento e da reconstrução. Por seu turno, podemos afirmar que o

reconhecimento é o já vivido ou já experienciado. Nessa perspectiva, Schmidt e Mahfoud (1993), ressaltam que a reconstrução não é possível sem uma repetição do passado. Observam os referidos autores que a cada lembrança há uma reconstrução. Esses dois fenômenos, só podem existir com o pertencimento ao grupo, relatam, uma vez que é preciso o sentimento da relação. Desse modo, “a memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os ‘quadros sociais’ nos quais as lembranças podem permanecer e, então articular-se entre si” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289).

Assim sendo, buscamos com a presente pesquisa, identificar como as memórias dos adolescentes investigados evidenciam as valorações sobre uso de drogas e a violência. Nessa perspectiva, os conteúdos explicitados na coleta de dados podem possibilitar a compreensão das funções das representações sociais. Estas últimas, por sua vez, podem evidenciar os saberes desse grupo geracional, e oportunizar repensar sobre o tratamento ofertado a eles.

3 Os conceitos de droga e violência na percepção dos adolescentes

Para realização da pesquisa foram selecionados adolescentes de duas escolas públicas municipais, que, por razões éticas, não identificamos para preservar as pessoas envolvidas. A escola 1 (um) funciona em tempo integral e está situada em um município do

interior da Bahia. Por suas características de ter maior tempo com o educando na escola, a procura por crianças e adolescentes de vários bairros da cidade é grande, inclusive de bairros mais distantes e até mesmo de alunos oriundos da zona rural. Destacamos que a acentuada procura por vagas em tal escola é justificada pela relativa qualidade da educação e do ensino oferecido na instituição escolar pesquisada.

Por sua vez, a escola 2 (dois) está localizada em um bairro periférico. Seu público são os filhos dos moradores dos bairros do entorno da escola. Ressaltamos que tal instituição escolar é de difícil acesso e apresenta uma precária estrutura física. Destacamos que ambas as escolas ofertam o ensino do 5º ao 9º anos do ensino fundamental, com aulas regulares no turno matutino e diversas oficinas no turno vespertino.

Selecionamos, na primeira escola, as quatro turmas do 6º ano, constituídas por alunos de 11 a 14 anos de idade. Na segunda escola, por seu turno, selecionamos uma única turma, do 6º ano. Sendo assim, contamos com um universo de 90 estudantes que participaram, espontaneamente, da presente pesquisa. Para identificar as memórias e as RS presentes sobre o uso de drogas e sobre a violência optamos pelo questionário autoaplicado com perguntas abertas, e que foram aplicados no espaço da escola em horário de aula regular, combinado previamente com as professoras responsáveis pelos educandos. O questionário

individual autoaplicado foi composto de cinco questões sociodemográficas. Apresentou, ainda, perguntas objetivas e subjetivas com indagações específicas sobre o conceito de violência, sobre a convivência e as experiências com a violência, sobre o conceito de drogas, bem como a convivência e experiências com o uso de drogas.

Com o objetivo de aprofundar ainda mais questões suscitadas nas respostas do questionário e pelo desejo de aprofundar questões que ficaram pouco claras, seguimos a orientação de Coutinho (2011, p. 176), que, por sua vez, afirma que a “opção por entrevista é um instrumento de coleta de dados largamente utilizada em pesquisas das Ciências Sociais, pois é uma técnica que possibilita o desenvolvimento de uma estreita relação entre os participantes”.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com o objetivo de possibilitar aos adolescentes expressarem suas vivências sobre as temáticas pesquisadas. Destacamos, nessa perspectiva, que utilizamos nas análises as lembranças presentes ou ausentes nas respostas. Para tanto, consideramos todas as falas do público participante como significativas, conforme postulam Jovchelovitch e Guareschi (2013, p. 66), a respeito da “relação com o ausente e a evocação do possível”.

Por conseguinte, para análise do material coletado, utilizamos a análise de conteúdo para refletir sobre as respostas

oferecidas. Segundo Moraes (1999, p. 78), esse modelo de análise, “conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”. Destarte, os estudos da memória e das RS foram utilizados na compreensão do processo de análise das representações sociais.

Os dados obtidos com as respostas dos participantes foram organizados em tabelas, de acordo com a frequência apresentada. Procuramos, também, destacar os registros por palavras ou frases que são significantes. Assim, dividimos os dados e resultados obtidos em seis categorias com as seguintes nomeações: o conceito de drogas na percepção dos adolescentes, a convivência com as drogas, a experiência com as drogas, o conceito de violência na percepção dos adolescentes, a convivência e a experiência com a violência, e associação entre drogas e violência na percepção dos adolescentes.

Ressaltamos que não estamos totalmente sozinhos e nossas lembranças não são apenas nossas, como afirma Halbwachs (2006). Desse modo, podemos verificar que os relatos dos adolescentes se somam entre si, em um conhecimento, dada a frequência das lembranças descritas. Essa análise por categorias foi imprescindível para entender que o conhecimento sobre drogas não é apenas desses adolescentes. Trata-se, pois, de saberes compartilhados e de representações sociais presentes no imaginário das populações residentes nos ambientes pesquisados.

A tabela 1 apresenta os termos relatados que traduzem as lembranças sobre o que seriam drogas para esse grupo de adolescentes. As respostas apresentadas na tabela demonstram os termos mais frequentes observados nas respostas dos entrevistados. Destacamos que os números informados correspondem à quantidade de vezes que os termos foram citados nas respostas.

Tabela 1 – O que os adolescentes dizem sobre drogas

Conceito	Nº de ocorrências
Coisa ruim /porcaria/mal caminho	46
Morte/violência	14
Vício	12
Crack/pó/maconha/cigarro	11
Positiva	5
Não responderam	2
Total de termos relatados	88

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

Como demonstra a tabela 1, a maioria dos relatos dos adolescentes entrevistados associa

as drogas a algo negativo e prejudicial. Percebemos que os sujeitos, ao conceituarem as

drogas, não fazem distinção entre as lícitas e ilícitas. Além disso, observamos uma recorrente associação das drogas a aspectos sociais negativos. Essa negatividade pode estar ancorada nas memórias de um grupo que vivenciou situações contraproducentes, provocadas pelas drogas ou por seu comércio. Podem ser vistas, ainda, como lembranças de um passado não tão distante e que permanecem presentes, em um ciclo contínuo.

Nas respostas, também, destacam-se as representações sociais transmitidas pelas famílias, que, por sua vez, é o seu primeiro grupo de pertença. Tal aspecto explicita o papel da família na formação das memórias desses adolescentes. Os adolescentes citam o medo das mães e a tentativa de proibirem o contato com as drogas. Observamos, ainda, que os entrevistados relacionam as drogas com a causa direta de algumas doenças. Nesse contexto, a droga, então, é também colocada na condição de algo que se opõe a uma vida saudável.

No grupo de adolescentes selecionados para a realização da presente pesquisa, doze representam as drogas como vício, associando-as ao lugar do moralmente reprovável. O discurso de tais entrevistados demonstra como é visível em nossa sociedade a percepção de que as drogas são imorais. Nas respostas dos adolescentes também podemos destacar os termos: tudo que é vício; uma vez que essa pode ser a representação que os entrevistados

têm do indivíduo viciado, que por vezes, é quem não consegue ter controle sobre seus desejos e vontades. Sendo assim, ser viciado é, então, ser controlado por um outro. Nesse caso, subjugado pelas drogas.

Destacamos que nas respostas dos entrevistados, a identificação propriamente dita de substâncias como drogas ilícitas e lícitas foram lembradas por apenas onze adolescentes. Percebemos, assim, que os relatos evidenciam as drogas mais comuns, como álcool, cigarro e maconha. Podemos constatar, desse modo, que os adolescentes exemplificam tais drogas de acordo com a convivência direta que eles possuem. O número menor de lembranças das drogas lícitas e a ausência das drogas farmacológicas também pode explicitar que os adolescentes não as consideram como drogas. Especificamente isso se nota sobre as bebidas alcoólicas, pelo aspecto da aceitação e do incentivo social, especialmente, pela mídia televisiva.

Observamos e destacamos, desse modo, que a não presença de relatos dos remédios como drogas lícitas é um resultado preocupante e que pode ser profícuo, no sentido de apontar que tais dados demonstram a desinformação desses adolescentes sobre drogas que estão em quase todas as residências, e que podem causar dependência. Como notamos, porém, o uso de tais drogas é pouco questionado. Por outro lado, as cinco respostas que demonstram que seus amigos percebem as

drogas de forma positiva, uma vez que estão associadas à busca pelo prazer. Nesse sentido, salientamos que nas respostas são sempre os amigos que utilizam, assim como os amigos dizem que é bom. Os adolescentes não se colocam como se já tivessem tido experiências anteriores com as drogas. Trata-se, por isso, de uma possibilidade de transferir para o outro o que realmente pensam.

A constatação de que o uso, ao menos inicial de drogas, provoca prazer não pode ser desconsiderada. A esse respeito, a assertiva de Albertini (1998, p. 53) é enfática e contribui com a nossa reflexão. Para o referido autor, a experiência com as drogas, “afinal de contas, de maneira quase mágica e instantânea, [...] possibilita a produção de sensações prazerosas e, ao mesmo tempo, nos livra, pelo menos momentaneamente, das agruras da realidade”. Embora tenha sido um número pequeno de adolescentes que declararam o aspecto prazeroso

ou positivo das drogas, acreditamos ser relevante refletir que essa declaração, mesmo em uma pesquisa acadêmica, é, por si só, um ato de coragem. Isso porque, como já dissemos, a representação social da droga, comumente, é construída como algo negativo, ruim. Estes poucos que relataram o aspecto do prazer, mostram-nos uma outra face sedutora das drogas e que existe, ainda que seja pouco discutida.

No que se refere à convivência direta com as drogas, podemos observar que a maior parte dos adolescentes, sendo cinquenta e sete deles, disseram não ter amigos que usam drogas. Os demais, trinta e três, afirmaram que sim, possuem amigos que usam drogas. Desses que responderam afirmativamente, o maior número citou as drogas ilícitas. A tabela 2 apresenta, de maneira sintética, a percepção que os adolescentes relataram sobre o convívio com as drogas.

Tabela 2 – O tipo de droga utilizada pelos amigos

Tipo de droga	Nº
Maconha	19
Pó	11
<i>Crack</i>	7
Cigarro	5
Bebida	1
Cola	1
Total de termos	44

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

Dentre os relatos dos entrevistados sobre quando presenciaram o uso de drogas, as substâncias mais citadas foram as ilícitas. A maconha foi a droga de

maior incidência evocada pelos adolescentes, seguida da cocaína, citada por onze adolescentes, e pelo *crack*, que foi registrado por sete sujeitos. Entre as drogas ilícitas

houve, ainda, relatos de uso da cola de sapateiro. Por outro lado, entre as chamadas drogas lícitas, as ocorrências de maior destaque foram para a bebida e o cigarro. Ressaltamos que apenas com base nesses relatos não é possível afirmar o tipo de droga a que o adolescente é exposto, assim como não é possível determinar o tempo

de exposição a que é submetido. Salientamos, que esse convívio muito próximo dos adolescentes com as drogas, não é o mais indicado para a formação do indivíduo.

No que se refere à violência, sintetizamos a percepção dos participantes da pesquisa nos dados apresentados na tabela 3.

Tabela 3 – O conceito de violência

Tipo de violência	Ocorrências
Agressão /bater	31
Matar	29
Brigar	19
Estupro	13
Coisa feia /ruim/ <i>bullying</i>	11
Ameaça/perigo	11
Roubar	10
Fumar cigarro/drogas	4
Crime	4
Bater na mulher	3

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

Conforme podemos constatar, os termos agressão, bater e brigar não são sinônimos. No entanto, agrupamo-los pelos sentidos semelhantes atribuídos pelos adolescentes. O agrupamento é justificado, ainda, pelo número de frequências observadas. A grande maioria de termos citados pelos adolescentes conceitua a violência como um fenômeno que precisa ser visível e materializado. Segundo Abramovay, Cunha e Calaf (2010, p. 284), a “agressão é encarada como violência à medida que a força é usada para intimidar, diminuir e machucar o outro”. Sendo assim, percebemos que os adolescentes, ao nomearem situações de agressão como violência, estão ancorando as informações que possuem sobre um fenômeno tão complexo. O mesmo

podemos afirmar da associação entre a violência e crime, relatada por alguns dos adolescentes entrevistados. Desse modo, a percepção é que são atos de agressão passíveis de punição do Estado. Nesse sentido, reiteram os entrevistados que são crimes e que podem ser evitados.

É válido ressaltar que um número muito pequeno de adolescentes identifica a violência contra mulher como mais um tipo de violência. Apenas três adolescentes relataram tal forma de violência. Um número um pouco maior, treze adolescentes, citaram o estupro. Assim, como este é uma das violências cometidas contra a mulher, agrupamos os dois termos na mesma categoria. Se os jovens brasileiros são as principais

vítimas das mortes violentas, as mulheres pouco foram contempladas no que diz respeito às políticas públicas de prevenção à violência de gênero. No conjunto de tais formas de violência contra a mulher, uma das possibilidades de violência, comumente nomeada como estupro, “é o termo mais comum para designar a violência sexual” (GONÇALVES, 2003, p. 233). Podemos afirmar que as diversas formas de violência contra mulher são situações democráticas, na medida em que não existe diferença entre cor, classe social ou religião.

É preciso salientar, no contexto da presente pesquisa, que nenhum dos adolescentes se descreve como vítima nas situações de violência. No entanto, presenciaram as diferentes situações de violência. Desse modo, ainda que seja na condição de espectadores, eles podem ser também colocados na condição de vítimas. Mesmo que não estejam diretamente envolvidos com a situação violenta, em suas memórias essas violências estão presentes. Apresentamos, na tabela 4, a quantificação das situações descritas pelos entrevistados.

Tabela 4 – Tipos de violência presenciada pelos adolescentes

Tipo de violência	Nº
Brigas	61
Morte	34
Ameaça	33
Roubo	30
Violência policial	18
Estupro	01
Total de termos	177

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

Os relatos das situações de brigas e agressões são o tipo de violência mais frequentes. Observamos sua ocorrência sessenta e uma vezes. Quando perguntados se já haviam presenciado situações de violência, as respostas caminharam para a descrição do tipo de violência presenciado. Observamos que o testemunho também é presente nas situações de presenciar mortes violentas. Aparentemente, eventos de violência não são situações ocasionais ou difíceis de acontecer nos ambientes onde vivem os entrevistados. Ressaltamos, nesse

sentido, que a violência é uma realidade constante. Tal fato contribui para a naturalização do fenômeno. Notamos que pela frequência que esses eventos acontecem e pela proximidade dos envolvidos, os entrevistados percebem a violência como parte do cotidiano. A violência policial foi citada com menor frequência. Apenas dezoito adolescentes afirmaram já ter presenciado cenas de tal forma de violência. O roubo também foi citado em menor frequência.

Ao presenciar as situações de violência, reações diversas são

provocadas nesses adolescentes. Podemos constatar nas respostas que o medo é o sentimento com maior frequência de registro. Nesse caso, salientamos que não é possível mensurar as sensações dos entrevistados, dada a subjetividade da temática. Entretanto, “tratar de medo não é falar somente de um sentimento ou sensação, mas também do que ele faz com as pessoas e com grupos em geral” (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2010, p. 280). Este grupo de adolescentes de uma mesma cidade e com a mesma faixa etária dividem, além de interesses em

comum, vivências muito semelhantes perante a violência.

Ao tratar da convivência com as situações de violência também foram registrados relatos sobre a cidade onde esses adolescentes residem. Nessa perspectiva, demonstramos as representações sociais e as memórias que constituem esse lugar que acolhe, ou não, os adolescentes. A tabela 5, revela a percepção que os adolescentes entrevistados têm de sua cidade. Nesse sentido, destacamos que há quase uma unanimidade nas respostas. Ou seja, para os adolescentes, o lugar onde vivem é violento.

Tabela 5 – Consideração dos adolescentes sobre a cidade onde moram

Pergunta	Respostas	Nº de ocorrências
Você considera sua cidade violenta?	Não	5
	Sim	85

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

Poucos adolescentes percebem a função do governo em implementar políticas públicas para minimizar o quadro que afeta a todos. Embora percebam que existe algo a ser feito, ainda permanece a ideia de que a responsabilidade é uma ajuda. Essa convivência e experiência forçada também se constitui uma violência infligida, uma vez que o Estado não garante os direitos de uma população. Podemos afirmar, com base nas suas vivências, que os adolescentes responsabilizam as drogas, sejam as lícitas ou ilícitas, como as motivadoras da violência de formas diferentes. As violências provocadas pelas drogas lícitas são citadas em menor quantidade.

Acreditamos que em virtude da naturalização das violências, conforme tratamos anteriormente. No entanto, podemos notar que, quando consumidas, as drogas lícitas podem provocar situações de violência. As respostas, nesse sentido, enfatizam, principalmente, a bebida alcoólica.

Sabemos que o tráfico se apresenta como uma saída financeira para muitos adolescentes. No entanto, estes não têm direitos trabalhistas e se expõem a situações de violência perpetradas pelos patrões traficantes ou pelas polícias. A esse respeito, Malvasi (2012, p. 75) afirma que a participação dos jovens e adolescentes “nas

atividades ligadas ao tráfico de drogas se configura em uma possibilidade concreta de trabalho para muitos jovens, em especial os que possuem menos oportunidade no mercado formal”. Com base nos dados obtidos a partir dos relatos deste grupo, percebemos como estes constroem suas representações sociais, e como estão imersos em memórias coletivas sobre as temáticas abordadas.

Considerações Finais

As memórias e as RS são duas abordagens distintas que se aproximam e dialogam entre si. Ambas destacam a importância do indivíduo e do grupo na construção da sociedade, da mesma forma que nos auxiliam a compreender como os fenômenos sociais ocorrem. Nesta pesquisa, recorreremos às memórias e às representações sociais para compreendermos como os adolescentes vivenciam o uso de drogas e as violências em seu cotidiano. Enfatizamos que os dois mecanismos que produzem as representações sociais são, também, utilizados pelos sujeitos para lidar com a memória.

Dentre as funções das RS, apontamos o aspecto da convencionalização. Nessa perspectiva, podemos afirmar que os adolescentes apresentaram dificuldade em conceituar as drogas ilícitas e lícitas. Por isso, nomeiam-na como o negativo ou o ruim. Além disso, enquadram o desconhecido naquilo que se aproxima de sua realidade. Percebemos também, a função prescritiva, uma vez que os

entrevistados trazem as memórias do grupo sobre drogas e que adolescentes incorporam e ressignificam em seus discursos. Essa exemplificação demonstra como algumas imagens são impostas sem que tenhamos condições de questionar. Isso porque elas são apresentadas como verdades absolutas. Além disso, elas circulam na sociedade segundo a intencionalidade dos vários grupos sociais que compõem um determinado grupo social.

Desse modo, percebemos que os adolescentes reafirmam o conceito de drogas que está no senso comum da sociedade brasileira, ou seja, foi convencionalizado: a associação da droga como um coisa ruim, que faz mal. Sendo assim, a droga está associada, ainda, à destruição de pessoas e famílias. Para a construção dessas opiniões, as RS são essenciais, pois contribuem para formação do conhecimento que permeiam e também elaboram as memórias desses adolescentes.

As RS e as memórias dos adolescentes nos permitem apontar que estes últimos, de forma geral, não reconhecem as drogas lícitas como prejudiciais, assim como grande parte da sociedade. No entanto, a postura dos entrevistados, ao tratar das temáticas, permite-nos inferir a RS social das drogas como algo que não pode ser debatido, dialogado, um assunto ainda proibido. Em contrapartida, a naturalização da violência permite que os mesmos falem sem causar espanto ou choque. As memórias presentes em

seus discursos contribuem para uma possível conservação dessa névoa sobre a temática.

Notamos a naturalização da violência e do uso de drogas ilícitas por usuários que, quando se tornam dependentes, provocam situações como brigas e desavenças em famílias. Para alimentar o consumo das substâncias, esses sujeitos praticam roubos e furtos, ou seja, provocam uma onda de violência que se propaga e alcança outras pessoas. Observamos, ainda, a violência oriunda das questões de envolvimento com as drogas ilícitas e o tráfico. Trata-se das violentas disputas por territórios. Essas desavenças entre os traficantes e seus seguidores provocam mortes e outros tipos de punições também brutais. Essa violência atinge também os usuários, sujeitos que estão a serviço do tráfico, e pessoas sem qualquer ligação com o tráfico.

Destacamos, ainda, que o uso e abuso de drogas, bem como o comércio ilegal de drogas ilícitas, podem provocar situações de violência. Enfatizamos que apenas a repressão não tem alcançado o objetivo de erradicar o consumo de drogas. É necessário, por isso, repensar as estratégias para minimizar ou controlar o seu uso e, possivelmente, diminuir as situações de violência que atingem diretamente os adolescentes, que, por sua vez, tornam-se expectadores da violência.

Essa condição de testemunhas direta de diferentes situações de violência, principalmente de mortes, como foram narradas nas entrevistas e

citadas nos questionários, colocamos, também, em situação de vítimas da violência estrutural, um tipo de violência que não é possível mensurar ou identificar com facilidade. Essa violência coloca os adolescentes de periferia como os invisíveis. Desse modo, a sociedade não vê o que lhes acontece todos os dias e o silêncio referenda os acontecimentos. Ao cruzar os braços diante da situação caótica descrita por esses sujeitos, todos concordam com o que lhes são impostos.

Produzimos, nessa perspectiva, RS e memórias sobre a discussão e sobre o uso de drogas em um lugar do proibido. Conforme dissemos anteriormente, o desconforto em dialogar sobre essa temática explicita o medo e desconhecimento que paira em toda sociedade. Nesse contexto, naturalizamos a violência de forma cada vez mais abrangente, um processo que não é positivo, mas tornou-se evidenciado no cotidiano destes adolescentes. Urge, por isso, a necessidade de novas discussões e pesquisas que provoquem políticas públicas de prevenção específicas para os adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. (Org.). *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: RITLA, SEEDEF, 2010.

ALBERTINI, P. Drogas: mal-estar e prazer. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Drogas na Escola: alternativas*

- teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, v. 1, p. 45-57.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Edições 70: Lisboa, 2009.
- COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. (Org.). *Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas*. João Pessoa: Universitária, 2011.
- GONÇALVES, H. S. *Infância e violência no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2003.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou; São Paulo: Centauro, 2006.
- JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In _____. *Paris*: PUF, 1989, p. 31-62. Trad. Tarso Bonilha Mazzonoti. UFRJ – Faculdade de Educação, dez. 1993.
- JOVCHELOVITCH, S. GUARESCHI, P. *Textos em representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.
- MALVASI, P. A. *Interfaces da vida loka – um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência*. 2012. 288f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2012.
- MINAYO, M. C. S. O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In: WESTPHAL, M. F. (Org.). *Violência e criança*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 95- 114.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SÁ, C. P. A memória histórica numa perspectiva psicossocial. *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas – Ano 09, número 14*, 2012.
- SANTOS, M. S. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2005
- SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. H. Memória coletiva e experiência. *Revista de Psicologia da USP*. São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 125-289, 1993.
- WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2014*. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2014.
- _____. *Mapa da violência: crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: CBLE, 2012.